

**A LITERATURA FANTÁSTICA
COMO FERRAMENTA DE CRÍTICA SOCIAL
NA OBRA *O DESEJO DE KIANDA*, DE PEPETELA**

Luciene de Castro Reto (UNIGRANRIO)

lucienereito@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca investigar os aspectos da literatura fantástica presentes na obra de Pepetela, *O Desejo de Kianda* (1995), avaliando os acontecimentos insólitos e racionalmente inexplicáveis nela presentes. Assim como aborda a maneira na qual se colocam em uma causalidade alternativa, para criar um manifesto que apoia a apresentação de uma visão crítica ideológica, de cunho social e político. O artigo identifica as características do gênero fantástico, que possibilitam ao autor propor, ainda que subliminarmente, uma reflexão dos valores de seu povo, representado nos personagens e na narrativa *O Desejo de Kianda*.

Palavras-chave: Literatura fantástica. Narrativa. Luanda. *O Desejo de Kianda*

1. Introdução

Para compreender os elementos e a forma como o autor denuncia as dificuldades de seu povo, questionando valores humanos de caráter universal, faz-se necessário lançar um olhar mais profundo no momento histórico da sociedade angolana, e mais particularmente da cidade de Luanda, pano de fundo para a ambientação da obra. Trazendo os componentes da literatura fantástica, procura-se então, refletir a forma como o autor usa a ferramenta do “humanamente inexplicável”, e apoia-se no mítico, evocativo de uma espiritualidade, para formar um painel de sua sociedade com argumentos críticos, ainda que apresentado através de uma narrativa com elementos estranhos e fantásticos.

Nesta construção é fundamental entender algumas marcas que estão presentes na identidade deste povo. Luanda é a capital e maior cidade de Angola, uma nação corrompida e fragmentada. Oriunda de um passado colonialista, alcançando recentemente a independência de Portugal, mas ainda mergulhada numa guerra civil que permaneceria por décadas e destruiria a infraestrutura do país. Este conflito foi originado pela polarização política dos dois eixos ideológicos e diametralmente opostos da guerra fria. A Rússia e os Estados Unidos que patrocinaram, como de costume, a luta armada civil durante este período que sucedeu a libertação do país dos portugueses.

A disputa entre etnias angolanas, representadas principalmente pelos três partidos majoritários o MPLA, um partido com ligação a Cuba e à União Soviética; a FNLA ligada ao Zaire, hoje República Democrática do Congo, aos Estados Unidos e a UNITA, também apoiada pelos Estados Unidos. Além do regime apartheid da África do Sul e diversos países africanos, desenham um quadro sangrento nesse país recém-formado, resultando em mais de 500 mil vidas ceifadas por uma guerra civil que permaneceria latente até o ano de 2002, e que resultaria finalmente, em uma nação de traços caóticos, corrompida e fragmentada.

Se por um lado os valores marxistas são a base para um governo nos moldes de países do bloco socialista europeu, por outro a moral, a ética e a religiosidade assumem caráter secundário, diante de um esquema social corrupto, sustentado por uma máquina governamental falida e funcionando nos termos de um capitalismo selvagem. É neste ambiente que Pepetela (1995), desenvolveu a sua trama, provavelmente acreditando nos recursos do fantástico para construção de sua história.

Na narrativa, *O Desejo de Kianda* (1995), ocorre a inserção do fantástico como recurso capaz de emergir a ficção com coisas irreais e fenômenos sobrenaturais criando na narrativa um efeito de verossimilhança. Pois prédios inteiros desabam, sem que, contudo, os moradores que neles se encontram percam suas vidas, ou saiam feridos. São acontecimentos impossíveis de serem explicados pela ótica da razão, e que abrem espaço para os conceitos místicos e sobrenaturais agirem como contra ponto a realidade dos fatos, uma vez que algo assim jamais poderia ser compreendido pela lógica. “A racionalidade traz de volta a evocação dos rituais místicos toda vez que fracassa em sua principal missão, que é a de fornecer uma resposta aceitável para a existência” (LIMA, 1990). Existe mais do que uma tentativa de justificar e responder, o insólito tem como objetivo maior incentivar a reflexão em torno daquilo que é socialmente relevante.

2. A literatura fantástica

O elemento fantástico sempre existiu na literatura, e abrangia uma gama de manifestações literárias que mantinham entre si, o viés de elementos extraordinários e mágicos, embora, sem partilharem maiores semelhanças entre si. Entretanto, a crítica designava de forma geral, qualquer texto que incluísse na narrativa, fatos não originados do mundo real. Provavelmente a simples diferença no valor etimológico da palavra “fan-

tástico” dentre vários idiomas que tratavam do tema na Europa, foi um fator delimitador para um conceito mais apurado deste gênero. Somente após os estudos do russo Tzvetan Todorov, nos anos 70 é que este conceito começa a ser apurado e corretamente estabelecido. Para ele o fantástico caracteriza-se por criar no leitor a dúvida entre uma explicação plausível, ou sobrenatural de alguns elementos da narrativa. O gênero fantástico descrito na forma mais simples une o real e provável, ao inverossímil e maravilhoso, combinados na mesma narrativa, criando um novo mundo incerto, mas sem oferecer elementos capazes de justificar ou dar sentido ao conteúdo insólito que foi apresentado (BATALHA, 2011, p. 13 e 14).

Durante todo o desenrolar da narrativa de Pepetela (1995), percebe-se que não há nenhuma conclusão ou compreensão dos fenômenos insólitos na história. Os desabamentos, por mais fantásticos que possam parecer, não são explicados nem mesmo ao final da história, embora sejam parte relevante da mesma e o elemento catalizador em volta do qual o enredo se desenvolve. Essa peculiaridade faz com que a obra não caia, segundo Todorov, no que ele classifica de estranho, gênero que seria comum a outros tipos de literatura tais como o romance policial. Este se distingue da literatura fantástica, exatamente por elucidar de forma lógica e plausível os elementos míticos e mágicos apresentados na obra. Por sua vez, também não encontramos em *O Desejo de Kianda* o universo que seria classificado por Todorov de maravilhoso. Não há seres encantados e gênios do bem e do mal, que sofrem a metamorfose representada nas figuras dos príncipes, bruxas, e etc., através de processos de catarses na conclusão da trama.

O gênero fantástico utilizado pelo autor em *O Desejo de Kianda* caracteriza-se também por oferecer a liberdade de intervenção do leitor no texto, através do seu próprio imaginário, e deduções subjetivas. Ocasionalmente um rompimento entre o fato literário e o real. Sem excluir o campo do sobrenatural, este estilo assinala o caráter puramente literário da obra. O fantástico convida o leitor a criar um significado para os acontecimentos estranhos da trama, mas o decepciona, na medida em que não soluciona a proposta fantástica contida no texto (BATALHA, 2011).

Compreendido o ambiente e as condições sócio-políticas, pelo qual, passam os personagens de *O Desejo de Kianda*, e identificando-se o eixo do elemento fantástico que o diferencia do estranho e do maravilhoso. Pode-se discorrer sobre a função de crítica social encontrada nesta narrativa de forma enigmática. Como os misteriosos desabamentos sem

vítimas dos prédios em ruínas ao redor da lagoa de águas putrefatas, que vão agindo misteriosamente nos arredores de um dos prédios inacabado ou em ruínas na região do Kinaxixi. Enquanto os dois personagens centrais da história unidos em matrimônio, desenvolvem suas vidas alheios aos sinais “místicos” que o espírito de Kianda enuncia através dos desabamentos.

São muitas as analogias e simbolismos que o autor cria ao desenvolver seu trabalho valendo-se do gênero fantástico para levantar a necessidade da busca de um novo caminho para seu povo e para Angola. A ação que se desenrola na já mencionada Luanda em “decadência”, tem o casamento de João Evangelista e CCC como base real para que insólito se desenvolva. Conferindo um caráter de ambiguidade temporal entre os fatos bizarros e a trajetória dos personagens, e que irão alcançar sua apoteose, também no mesmo momento.

3. O Desejo de Kianda permeada pelo fantástico

A personagem de João Evangelista representa o lado da nossa consciência adormecida. Apesar de a sua origem ser de uma família religiosa, e do conhecimento intrínseco do certo e do errado oferecido pela sua criação espiritualizada, este se revela como um agente desonesto. Porém de atitude passiva, que assume postura de moral condenável e torna-se corrupto para preencher suas necessidades. Embora, não demonstre o ânimo nem a determinação para almejar o poder, enquadra-se no velho chavão de deixar-se levar pelas circunstâncias. Em alguns momentos demonstra alguma sensibilidade, e comporta-se com surpresa diante das atitudes de escala ainda mais imoral da esposa. Afasta-se cada vez mais da sua origem religiosa, fugindo do encontro com sua própria verdade.

A partir de certo ponto da narrativa, refugia-se em seu quarto, ficando cada vez mais concentrado em um jogo de estratégia no seu computador, onde focava sua atenção e fugia da realidade de sua vida. Evidencia-se desta forma a mesma postura da maioria dos indivíduos que, embora não sendo o autor do “delito”, deixam-se levar pela própria fraqueza, assumindo uma postura passiva, buscando “jogos” que não resultam verdadeiramente em nenhuma batalha interior. O computador e a relação que João estabelece com ele, passam a representar a maneira de viver decadente da sociedade angolana (DUTRA, 2009).

No caso da personagem Camina, seria a outra parte desta união,

observa-se como o agente ativo da trama. Desde o primeiro momento tem um compromisso maior com seus ideais corrompidos, disfarçados em uma luta ideológica, que ela mesma vai ofuscando para preencher com suas verdadeiras necessidades. Intenciona o poder e não oculta de si mesma esta diretriz. Encontra justificativa nas suas atitudes imorais, baseando-se em valores, que ela distorce para atender a sua vontade de dominar, vestindo-se de uma virtude que não possui. É a verdadeira antítese daquilo que prega, e o elemento que incita a derrocada moral dos que a seguem. Tem o conhecimento e acesso aos meios, que devem ser usado para seus projetos pessoais. “Porque em Luanda sempre foi assim, temos fome e o melhor champanhe francês e uísque velho.” (PEPETELA, 1995, p. 75).

Agindo em parceria, cada qual a sua maneira, o casal investiu no futuro e particularmente na reforma de sua residência que está fadada a ruir, fato que está simbolicamente associado com a fragmentação de suas vidas. O acontecimento fantástico vem para realinhar aquilo que pelas próprias consciências eles não querem fazer. E ambos acabam aceitando o caráter místico dos acontecimentos quando percebem o destino que lhes aguarda. João ao travar conhecimento com a menina Cassandra, que escuta o canto da entidade das águas e CCC pela constatação de que seu prédio foi construído na antiga região do Kinaxixi.

No desenrolar da narrativa, o desejo de Kianda se faz projetar aos poucos como um alerta para a população, como que se quisesse dar a oportunidade destes em mudar o rumo das coisas e assim evitar o desabamento moral que se anunciava. O aterramento do lago que acolhe Kianda alerta para o assoreamento dos valores morais e o desejo de fugir para o mar, alcançar então, um caráter de simbólico, como que oferecendo a todos a redenção diante seus próprios erros.

Outro aspecto que merece ser sinalizado como uma característica levantada pelo caráter fantástico da obra é o da universalização de um sentimento que envolve toda a humanidade sob um elo místico e divino. Da mesma maneira que todos os homens conhecem a finitude de sua existência, há um sentimento do divino que permeia a todos os seres humanos e que pode ser despertado de alguma forma pela narrativa do fantástico, ainda que necessariamente não entre-se no campo da fé propriamente dita. No diálogo de Mateus Evangelista com seu filho João sobre a falta de religiosidade e civismo do povo luandense, o pai confere ao fantástico, uma representatividade religiosa, que opera para trazer o homem de volta ao seu caminho espiritual (PEPETELA, 1995, p. 104).

A água tem um alto significado mítico em grande parte das culturas antigas, e mesmo nas contemporâneas, e relação entre temas como o nascimento e a purificação da alma com o meio aquoso é percebida em muitas civilizações. Pepetela (1995), faz uso deste simbolismo presente também na sua cultura, para cobrar da sociedade a retomada de consciência perdida. O cântico da criatura mágica é ouvido pela personagem de Cassandra, uma criança, e que como tal também evoca a representação da pureza. Talvez e por essa razão, a menina é a única pessoa sabidamente a “sumir”, arrastada pela corrente das águas e sob a ação do elemento fantástico. Cassandra é a única capaz de ouvir a mensagem de libertação de Kianda, que vai se tornando cada vez mais inteligível para a menina, na proporção em que os prédios vão caindo e a entidade almeja a fuga para o mar. Há nesta ação das águas, ainda que infectadas da lagoa, uma oferta para a renovação, que se conclui com a convergência desta para o oceano. Denota-se assim, a retomada dos valores que estão impregnados por um discurso de indignação daqueles que discordam da situação em que se encontram (DUTRA, 2009).

Estabelecendo uma representação diferente das análises citadas anteriormente. Vale ainda, assinalar a forma como o autor lança mão de um recurso tipográfico para sugerir uma dimensão espaço tempo diferente aos fatos insólitos e míticos da narrativa. Colocando estes trechos da obra em itálico, de forma a evidenciar ao leitor, que tais acontecimentos processam-se neste plano do inexplicável e que por sua vez encontra-se preso fisicamente na contemporaneidade luandense (DUTRA, 2009).

4. Considerações finais

A narrativa *O Desejo de Kianda*, não permite ao leitor apenas diversão, mas possivelmente preenche alguns espaços vazios. O gênero fantástico utilizado por Pepetela (1995), na literatura de Kianda oferece-lhe uma enorme amplitude na crítica social ao permitir reivindicações através do acontecimento fantástico, sem necessariamente clamar por mudanças. O autor detém a possibilidade de condenar, sem, entretanto ter que emitir conceitos explícitos. A existência de uma nova dimensão inexplicável dá ao autor uma ferramenta de inquestionável liberdade literária e mesmo dramaturgica, que por não estar atrelada ao real, evoca o desenvolvimento de infinitas possibilidades.

Sabendo que este tipo de narrativa mágico-realista é de certa forma novidade na obra autoral de Pepetela (1995), pode-se dizer que a es-

colha deste estilo literário, surgiu provavelmente de uma necessidade em validar seus esforços para combater esta corroída e degenerada sociedade descrita por ele. Pesquisando sua trajetória de vida, encontra-se alguns fatores psicológicos e inconscientes que possivelmente contribuíram para construção desta obra.

Uma vez que sendo ele, um antigo participante da luta armada, e do governo Angolano, onde atuou na área educacional. Homem de etnia branca e descendência lusitana, com educação acadêmica obtida na Europa. As motivações que possivelmente o levaram Pepetela (1995), a optar pela construção do seu romance apoiado nas bases do fantástico, com uma narrativa insólita repleta de ironia e sarcasmo, foram suas próprias insatisfações ou o sentimento de impotência e impossibilidade diante de tantos problemas e questionamentos sociais. O fantástico permitiu o apontamento de uma direção intuitiva, para que através da sua narrativa condensasse a sensação de uma utopia traída. Enquanto o inconformismo assumiu tal proporção no seu íntimo, que a única forma de saciar a necessidade de reparação sem deixar-se contaminar pelo contexto, foi seguir por um espaço mítico, onde as leis da causalidade não operam sob o mesmo princípio em que se vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATALHA, Maria Cristina. *O fantástico brasileiro: contos esquecidos*. Rio de Janeiro: Caetés, 2011.

DUTRA, Robson. *Pepetela e a elipse do herói*. Angola: União dos Escritores Angolanos, 2009.

<http://www.governo.gov.ao>. Acesso em: 16-07-2013.

http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/portal/capa/index.html. Acesso em: 14-07-2013.

LIMA, Ronaldo. *Violência e Literatura*, VII. O fantástico: a modernidade exorcizada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MYERS, G. David. *Introdução à psicologia geral*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

PEPETELA. *O desejo de Kianda*. Portugal: Dom Quixote, 1995.